

Atena  
Editora  
Ano 2021

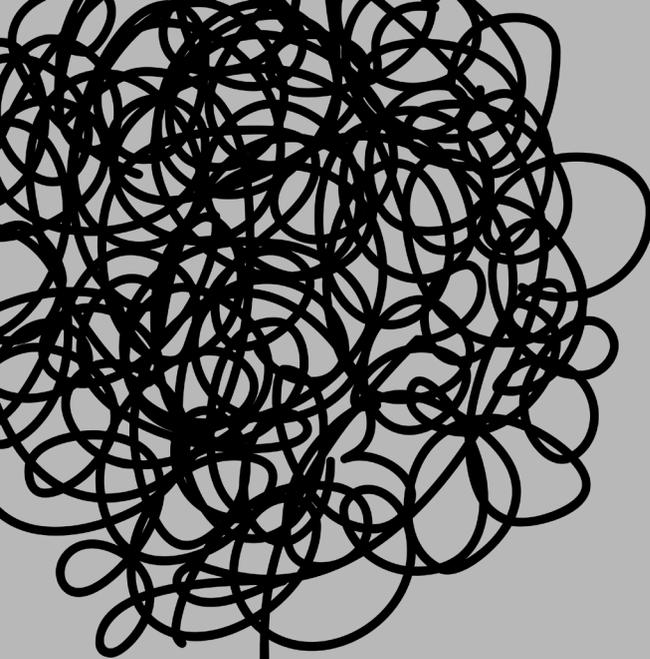


# *A Pesquisa em Psicologia:*

Contribuições para o  
Debate Metodológico

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)



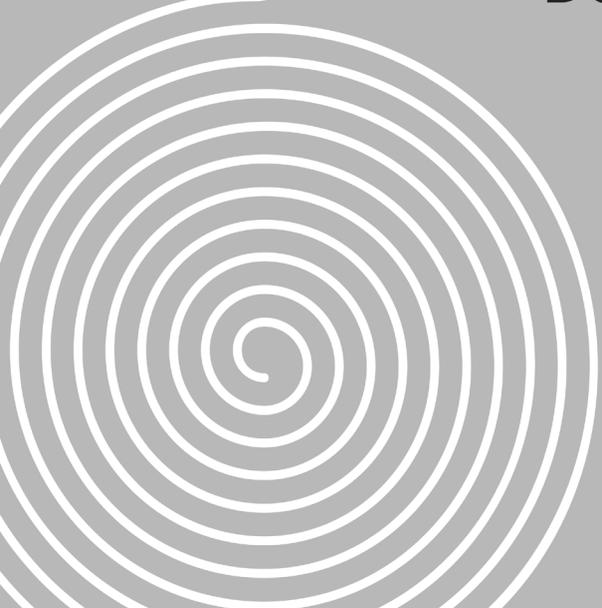


Atena  
Editora  
Ano 2021

# *A Pesquisa em Psicologia:*

Contribuições para o  
Debate Metodológico

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-016-9

DOI 10.22533/at.ed.169210605

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A coletânea *A Pesquisa em Psicologia: Contribuições para o Debate Metodológico*, reúne vinte e dois artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os mitos, o erotismo, os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte, assim como de uma, não tão nova, ferramenta para o tratamento psicológico que é o teleatendimento.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DA METÁFORA, DO SONHO E DO MITO: APROXIMAÇÕES DE INCONSCIENTE Ezequiel Martins Ferreira DOI 10.22533/at.ed.1692106051	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
ESCRITORA E ESCRITURA: ANNE CÉCILE DESCLOS E SUA ESCRITA ERÓTICA COMO CARTA DE AMOR Elizabeth Fátima Teodoro Wilson Camilo Chaves DOI 10.22533/at.ed.1692106052	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO: RELATOS DA PRÁTICA Yliah Cavalcanti Sardinha Gabriel Monteiro da Fonseca Leal Maia Izabela dos Santos de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.1692106053	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
UMA NOVA GEOGRAFIA DO CORPO: ESTÉTICA, SUBJETIVIDADE E CLASSE SOCIAL Joana de Vilhena Novaes DOI 10.22533/at.ed.1692106054	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
PERCEPÇÕES DE QUEIXA ESCOLAR DE JOVENS ADULTOS DE UM CURSINHO PRÉ- VESTIBULAR Isis Grazielle da Silva Ana Caroline Dias da Silva DOI 10.22533/at.ed.1692106055	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
A PSICOLOGIA CORPORAL NO TRATAMENTO DO MAL DO SÉCULO: DEPRESSÃO Estela Maris Lançonni Cantarelli Maria Márcia Soares José Henrique Volpi DOI 10.22533/at.ed.1692106056	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>66</b>
AS BASES INTERDISCIPLINARES E TRANSDISCIPLINARES DA PESQUISA EM PSICOLOGIA ANALÍTICA: UM OLHAR PARA A TOTALIDADE DO INDIVÍDUO E DO MUNDO Leonard Almeida de Moraes DOI 10.22533/at.ed.1692106057	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
<b>GRUPOS TERAPÊUTICOS EM CLÍNICA DE INTERNAÇÃO PSQUIÁTRICA EM HOSPITAL GERAL: POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO</b>	
Mariana Lopes de Almeida	
Arina Marques Lebrego	
João Bosco Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692106058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>83</b>
<b>A ELABORAÇÃO DO LUTO NO CÔNJUGE LONGEVO E A SUA AUTONOMIA</b>	
Francisca Sousa Vale Ferreira da Silva	
Patrícia Melo do Monte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692106059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>90</b>
<b>A IMPORTÂNCIA DO ESCUTAR O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE MULHERES HOSPITALIZADAS EM ENFERMIARIAS CARDIOLÓGICAS OU QUE SOFRERAM CIRURGIA CARDÍACA</b>	
Suzana Lopes Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>98</b>
<b>MÃES RECÉM NASCIDAS, SEUS BEBÊS, O BEBÊ QUE EXISTE EM TODO ADULTO E A CLÍNICA BIODINÂMICA</b>	
Eliana Lemos Pommé	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>106</b>
<b>PROJETO DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL PARA PROMOVER ATIVIDADES DE RECREAÇÃO A IDOSOS EM ISOLAMENTO SOCIAL EM UM CENTRO DE VIVÊNCIA DA TERCEIRA IDADE DURANTE A PANDEMIA DO SARS-COV-2</b>	
Carolina Soprani Valente Muniz	
Daniel Zanotti da Silva	
Raquel da Cunha Leite	
Laís Sudré Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>119</b>
<b>DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL NA ELABORAÇÃO DO PLANO DE ENFRENTAMENTO EM SITUAÇÕES DE PANDEMIA</b>	
Bárbara Bergozza	
Elenice Deon	
Karoliny Stefany Jost	
Christianne Leduc Bastos Antunes	
Eliana Sardi Bortolon	
Rosângela Andreoli Ortiz	
Thais Pinto Teixeira	
Sherol da Silva dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060513</b>	

<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>132</b>
<b>AUTOMEDICAÇÃO E EFEITOS PSICOLÓGICOS EM IDOSOS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL</b>	
Edivan Lourenço da Silva Júnior Luisa Fernanda Camacho Gonzalez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060514</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>142</b>
<b>PLATAFORMAS COLETIVAS DE PSICOTERAPIA ON-LINE: UMA ANÁLISE QUALITATIVA</b>	
Luísa Gianoni Marques Rafael Fontan Ottolia Nara Helena Lopes Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060515</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>153</b>
<b>IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM MÃES CUIDADORAS DE FILHOS AUTISTAS</b>	
Adriana Pagan Tonon Lais Rodrigues Fernando Luis Macedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060516</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>167</b>
<b>CULPADOS OU INOCENTES? ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: FATORES DE RISCOS PARA A INCIDÊNCIA DE ATOS INFRAACIONAIS</b>	
Amanda Daysê Loureiro Serra e Silva Kalyandra Brandão de Carvalho Yloma Fernanda de Oliveira Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060517</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>179</b>
<b>ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DO SUJEITO SURDO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES</b>	
Lidiane Jaqueline de Souza Costa Marchesan Juliana Corrêa de Lima Sílvia Maria de Oliveira Pavão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060518</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>194</b>
<b>LIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE METODOLÓGICO – UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA</b>	
Jeannette Leontina Navarro E. Oscar Edgardo N. Escobar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060519</b>	

<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>210</b>
<b>OLHAR PSICOLÓGICO NO ÂMBITO PROFISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES E ATRIBUIÇÕES</b>	
Bárbara Bergozza	
Karoliny Stefany Jost	
Jéssica Piovesan	
Christianne Leduc Bastos Antunes	
Eliana Sardi Bortolon	
Rosângela Andreoli Ortiz	
Sherol da Silva dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060520</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>226</b>
<b>ATUAÇÃO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA NO RH DE UMA EMPRESA: ETAPAS DE PROCESSO SELETIVO</b>	
Simone Vieira Campos	
Gledson Lima Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060521</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>238</b>
<b>A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E O COACHING DE CARREIRA: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS</b>	
Rafaela Roman de Faria	
Camila Marochi Telles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16921060522</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>249</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>250</b>

# CAPÍTULO 3

## CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO: RELATOS DA PRÁTICA

Data de aceite: 27/04/2021

Data da submissão: 05/02/2021

### **Yliah Cavalcanti Sardinha**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
- PUC/SP  
São Paulo - SP  
<http://lattes.cnpq.br/6867747096306294>

### **Gabriel Monteiro da Fonseca Leal Maia**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
- PUC/SP  
São Paulo - SP  
<http://lattes.cnpq.br/4453850940027768>

### **Izabela dos Santos de Oliveira**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
- PUC/SP  
São Paulo - SP  
<http://lattes.cnpq.br/8855639282494689>

**RESUMO:** A partir de aspectos da experiência como técnicos de serviços de medidas socioeducativas em meio aberto (SMSE-MA) localizados na zona sul e norte de São Paulo - SP, trazidos na forma de apresentação de construções de casos e manejo de grupos, o presente trabalho pretende discutir possíveis contribuições de operadores da psicanálise (tais como escuta, transferência e desejo) na prática de atendimento aos adolescentes que circulam nos espaços socioeducativos. Apesar de seu reconhecimento majoritário enquanto método clínico, atrelado apenas aos outros saberes *psi*, o campo conceitual da psicanálise se mostra extremamente profícuo no que diz respeito

às potências das práticas de atendimento. Sem excluir a noção de sujeito de direitos e as demandas de ordem social e econômica, tentamos demonstrar ser possível incluir a dimensão do sujeito do inconsciente neste trabalho, diferenciando tais demandas daquela que pode ser direcionada, em atendimento, ao objeto da transferência, seja ele o(a/e) técnico(a/e) de referência ou não. Através de relatos de práticas realizadas no SMSE-MA, abordamos a percepção sobre essa possível situação transferencial (que se diferencia da noção de “vínculo” utilizada nos âmbitos da Assistência Social) a identificação desta modalidade de demanda direcionada ao Outro, assim como as possibilidades de manejo da transferência no contexto socioeducativo. Também buscamos apontar experiências interessantes de sustentação de um não-saber nas propostas de intervenção. Desse modo, entendemos que se abre a possibilidade do trabalho socioeducativo caminhar para além da resolução de questões socioassistenciais e de exigências de âmbito estritamente jurídico-normativo do contexto temporário e excepcional das medidas socioeducativas, incluindo no processo algo da singularidade dos sujeitos que ali se colocam. Noções metodológicas como “associação livre”, “atenção flutuante” e “ato falho” são tensionadas com conceitos como “escuta qualificada”, o modelo de atendimento concentrado na situação “pergunta-resposta” e os meios de participação e protagonismo do adolescente.

**PALAVRAS** - **CHAVE:** Psicanálise; Socioeducação; Adolescência; Escuta; Transferência.

## PSYCHOANALYSIS CONTRIBUTIONS TO SOCIO-EDUCATIONAL CARE: STORIES FROM PRACTICE

**ABSTRACT:** Based on aspects of experiences as technicians of socio-educational measures in open environment services (SMSE-MA) located in the south and north of São Paulo - SP, brought in the form of case constructions and group management, the present work intends to discuss possible contributions of psychoanalysis operators (such as listening, transference and desire) in the practice of assisting adolescents who circulate in socio-educational spaces. Despite its major recognition as a clinical method, linked only to other *psy* knowledge, the conceptual field of psychoanalysis proves to be extremely fruitful regarding the potential in care practices. Without excluding the notion of subject of rights and the demands of social and economic order, we try to demonstrate that it is possible to include the dimension of the subject of the unconscious in this work, distinguishing such demands from the ones that can be directed to the object of the transference, be it the reference technician or not. Through stories of experiences carried out in the SMSE-MA, we approach the perception of this possible transference situation (which differs from the notion of “bond” used in the scope of Social Assistance), the identification of this type of demand directed to the Other, as well as the possibilities of managing the transference in the socio-educational context. This article also seeks to point out interesting experiences supporting a lack of knowledge in the intervention proposals. As we have seen, we understand a possibility of socio-educational work opens up beyond the resolution of socio-assistance issues and requirements of a strictly legal-normative scope on the temporary and exceptional context of socio-educational measures, including something of the uniqueness of the subjects who place themselves there. Methodological notions such as “free association”, “floating attention” and “flawed act” are strained with concepts such as “qualified listening”, “question-answer” focused models and the means of participation and protagonism of the adolescent.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis; Socioeducational measures; Youth; Listening; Transference.

### 1 | INTRODUÇÃO

Apesar de seu reconhecimento majoritário enquanto método clínico, atrelado apenas aos outros saberes *psi*, o campo conceitual da psicanálise pode se mostrar extremamente profícuo no que diz respeito às potências das práticas de atendimento no âmbito dos serviços públicos, contribuindo para a construção dos casos, o manejo de grupos, ou mesmo o trato com a equipe multidisciplinar ou com a burocracia e as relações de poder institucionais. A partir de aspectos da nossa experiência como técnicos socioeducativos em meio aberto de serviços de medidas socioeducativas (SMSE-MA) localizados na zona sul e norte de São Paulo - SP, o presente trabalho pretende discutir possíveis contribuições de operadores da psicanálise (tais como escuta, transferência e desejo) na prática de atendimento aos adolescentes que circulam nos espaços socioeducativos. Sem excluir a noção de sujeito de direitos e as demandas de ordem social e econômica, tentamos demonstrar ser possível incluir a dimensão do sujeito do inconsciente nesta prática, diferenciando tais demandas daquela que pode ser direcionada, em atendimento, ao objeto

da transferência, seja ele o(a) técnico(a/e) de referência ou não. Através de relatos de práticas realizadas no SMSE-MA, abordamos a percepção sobre essa possível situação transferencial entre o(a) atendido(a/e) e qualquer profissional (que se diferencia da noção de “vínculo” utilizada nos âmbitos da Assistência Social), e propomos a sustentação de um lugar de escuta que implica em um deslocamento discursivo que coloca em questão um certo lugar de saber *a priori* de quem atende, assim como noções como garantia e completude, por mais que estas noções continuem operando no nível do atendimento social, pedagógico ou jurídico (como “garantia” de direitos ou “cumprimento” da medida). Desse modo, entendemos que se abre a possibilidade do trabalho socioeducativo caminhar para além do atender as questões socioassistenciais (como aquelas presentes no ECA) e das exigências de âmbito estritamente jurídico-normativo do contexto temporário e excepcional das medidas socioeducativas, incluindo no processo algo da singularidade dos sujeitos que ali se colocam. Propomos que noções metodológicas e teóricas como “associação livre”, “atenção flutuante” e “ato falho” sejam tensionadas com conceitos como “escuta qualificada”, o modelo de atendimento concentrado na situação “pergunta-resposta” e os meios de participação e protagonismo do adolescente. Na experiência prática, sendo ou não previamente atravessados pelo saber da psicanálise, de alguma forma fomos tocados por ela durante nossa trajetória nos SMSEs. Isso aconteceu ao nos depararmos com certos limites nas formas de manejo dos casos, algo que não necessariamente apontava para uma necessidade de encaminhamento para serviços e especialistas da rede assistencial ou de saúde, mas que trazia questões relativas às formas de estar no mundo e com os outros, algo que falava de questões muito singulares dos(as) adolescentes atendidos.

Mais do que o sujeito de direitos, passamos a reconhecer a necessidade de escutar também outro tipo de sujeito, o do inconsciente (BUENO, 2016). Que fique claro desde já: não estamos aqui propondo o trabalho no SMSE-MA como um trabalho clínico, por mais que os conceitos aqui trabalhados remetam a conceitos clínicos da psicanálise. Estamos propondo que há algo na psicanálise como método de investigação, de tratamento e enquanto teoria, que diz de uma outra forma de se debruçar sobre o sujeito humano e que abre todo um outro campo de possibilidades de intervenção a partir de uma ética. Essa ética é a do desejo, não o desejo do senso comum, mas aquele que diz respeito a um modo peculiar de se relacionar com o Outro do inconsciente. Há demandas socioassistenciais e de “saúde mental” que devem ser abordadas como tal, após uma avaliação criteriosa que inclua a discussão do caso com a equipe técnica e com a rede, e o encaminhamento a serviços com profissionais especializados muitas vezes de fato é urgente e necessário. Mas, mesmo assim, isso não exclui o que abordamos a seguir enquanto escuta do sujeito do inconsciente, pelo contrário, apostamos que seja possível acrescentar mais essa maneira de atuar às outras que citamos. Trata-se mesmo, antes de tudo, de uma alternativa em relação ao lugar de escuta: não a partir de um lugar de especialista, colado em seu saber (seja de graduação, pós-graduação, político-ideológico, religioso ou mesmo de experiência

peçoal), mas de um lugar de não-saber *a priori* (LACAN 1953/1998), de um “todo-ouvidos” para o que quer que se manifeste do outro lado - o que não significa “todo-resposta”. Há nesse aparente silêncio, contudo, um pedido que remonta àquele mesmo do convite à associação livre que Freud fazia a seus pacientes, “fale o que vier à cabeça”. Esse gesto tem por intenção que o sujeito não se prenda à construção narrativa em sua fala, que não se ocupe de organizar temporalmente os fatos nem que encare sua história com uma exigência de compromisso com a verdade. Ao mesmo tempo que, do lado de quem escuta, manter sua atenção suspensa em face daquilo que ouve, sem se limitar a algo específico da fala do(a) adolescente. (FREUD, 1912b/1996). Não que ele vá se desprender disso (é bem provável que não), mas a livre associação (ao contrário das perguntas dirigidas) o convidará a se escutar, a ouvir o que está dizendo, não apenas a responder ao outro. Isso que chamaremos aqui de “escuta singular” diferenciando-a da “escuta qualificada” do campo do serviço social, que tem como objetivo realizar uma escuta diagnóstica, para conhecer as realidades dos usuários, seja no âmbito individual, coletivo, ou na dimensão territorial (BRASIL, 2005), permite com que se esteja também presente como receptáculo da fala do outro, o que não significa que não se possa dizer nada. Mas que se diga algo para que o sujeito siga associando, que ecoe as palavras mais marcantes, que se chame atenção para a própria fala do sujeito, não a partir de um saber *a priori* mas a partir daquilo que está sendo dito. Traremos, então, um primeiro breve relato de caso.

## 2 | O CORAÇÃO QUE DESLIZA: ABERTURA A UMA OUTRA ESCUTA

Quando o adolescente se apresenta para nós, o que ele fala? E como o escutamos? Muitas vezes direcionamos nossas perguntas para conseguir responder a demandas burocráticas, cobradas pelo Judiciário: se ele tem um projeto de vida, se tem interesse em voltar pra escola ou não, se trabalha. Buscamos também, entender um pouco de sua família e amigos. Esses são, em geral, os interesses do atendimento assistencial, voltados para o que chamamos de “social”. Uma vez, o acompanhamento socioeducativo de um adolescente trazia demandas sociais bastante gritantes: moradia precária, falta de recursos, questões de saúde mental da mãe e do irmão, estava distante do ambiente escolar há mais de dois anos, sem documentos pessoais. Poderíamos imaginar que os interesses do adolescente e o que ele nos contaria seriam dessa ordem. No entanto, o jovem preferia desenvolver atividades lúdicas ou esportivas: construir pipas, jogar ping-pong, assistir vídeos no computador. Era avesso ao atendimento individual e pouco contava sobre si.

Escolhemos respeitar o tempo do jovem e o que ele escolhia nos mostrar, estando presente com ele nas atividades, mas sem pressioná-lo a falar. Achávamos que ele era desconfiado ou tímido e queríamos que ele ganhasse confiança a seu tempo. Em determinado momento, ele nos conta que teve uma época em que sentia o coração doer muito, como se ficasse pesado, não tinha nem vontade de levantar da cama. Por muito

tempo essa foi a única partilha pessoal que ele trouxe, ou assim entendemos. Essa demora foi criando angústia na equipe técnica, pois os encaminhamentos do âmbito socioassistencial não eram efetivados, a família era distante e as conversas pareciam não levar a nada. Resolvemos, então, escutá-lo de outra forma, ao invés de apenas pensar que ele não falava por estar escondendo algo de nós, entendemos que o que ele contava sobre si era justamente que ele não falava sobre si. O que se apresentava era o que precisávamos tomar como partida para as intervenções, ao contrário de induzi-lo a dizer algo que nós suspeitávamos que ele não estava dizendo. E o que ele dizia quando associava livremente? Que não conseguia reconhecer os dias da semana, por exemplo, nem sabia o dia em que havia nascido. Ensinamos ele a escrever sua data de nascimento e em outro atendimento, levamos uma cartolina onde pedimos para que ele falasse sobre esse dia e seus aniversários. Começou a contar memórias de sua infância enquanto fazia desenhos que ilustravam as histórias. Sem nos preocupar com o que seria verdade ou não, continuamos perguntando e comentando aspectos do desenho que ele fazia livremente. Em determinado momento ele desenha a si mesmo como bebê. Notamos que há várias pessoas no desenho, mas nenhuma parece ser sua mãe, então fazemos a pergunta: “onde está a sua mãe”? Ele diz que ela não estava lá naquele dia, no dia de seu nascimento, que ele estava “sozinho, como sempre”. Essa frase soou bastante importante no momento, mas não o questionamos sobre isso, nem o trouxemos a interpretar as situações cotidianas ou as relações familiares, apenas marcamos essas palavras, repetindo-as para ele. Ressaltamos que não se trata aqui de buscar uma verdade ou uma coerência no relato que ele estava fazendo, mas sim de dar atenção às palavras como se elas flutuassem, entendê-las como uma construção simbólica que o sujeito faz de si mesmo e do Outro, e que isso sempre diz algo sobre ele e sobre suas relações (LACAN, 1959-60/2008). Importante dizer, também, que esse adolescente tinha muita dificuldade em manter o RG. Sempre que fazia um novo, pouco tempo depois perdia o documento. O RG enquanto “identidade” é também símbolo de quem somos e como nos apresentamos. Ao apresentarmos o RG, dizemos ao Outro quem somos, de alguma forma. Em determinado atendimento, estávamos numa sala ambientada para um grupo, onde tinha uma almofada em forma de coração, nela escrito “TE ADORO”. Ao chegar na sala, o adolescente deita e põe a cabeça na almofada. Enquanto a técnica puxava conversa com ele, perguntando da semana, da família, dos amigos, o adolescente dava respostas curtas, ou não respondia. Enquanto a técnica falava, ele dava pequenos petelecos em seu braço, perguntando sempre “tá doendo?”. Em algum momento ele ergue a almofada de coração e pergunta o que está escrito nela. A técnica devolve a pergunta: “O que tá escrito?”, e o adolescente lê “TEM A DOR”, ao invés de TE ADORO. De início, a técnica acha que é apenas sua dificuldade de leitura. “Tenta de novo”, ela diz. E novamente ele responde “TEM A DOR”. Novamente o adolescente estava falando sobre a dor no coração. Na verdade, durante todo o atendimento, ele não estava respondendo as questões da técnica, mas sinalizando essa dor como o que lhe interessava dizer naquele

momento. Ao perguntar para ela se “estava doendo?” ele já mostrava do que falava, e de forma mais concreta apresenta ao ler a frase “TEM A DOR” numa almofada de coração. Eventualmente, durante o acompanhamento, o adolescente transforma essa dor em ouro: “TE A D’OURO”, relacionando a si mesmo, dizendo que uma de suas qualidades é ter um coração de ouro. Consegue, depois disso, fazer um novo RG e apresentá-lo no Serviço.

O que nos parece importante enfatizar neste caso é que parte da abertura a uma outra escuta se dá diante da insistência do adolescente em não responder diretamente ao que estava sendo perguntado. Foi preciso apostar, sustentando uma posição de não-saber sobre o que estava sendo dito, que naquilo que ele dizia livremente poderia emergir um outro saber, imprevisível. Há uma concepção de temporalidade *a posteriori* cara à psicanálise, das irrupções do inconsciente cujo sentido não pode ser antecipado, mas será compreendido retrospectivamente, “só depois” (LACAN, 1953/1998). Quando sob transferência o adolescente comete o ato falho de trocar o “te adoro” escrito no coração por “tem a dor”, algo da dor ligada ao coração pode aparecer. Mais adiante, quando ele lê a mesma frase como “te a d’ouro”, deslizando da “dor” ao “ouro”, um outro coração possível que não aquele que “tem a dor” parece emergir. O fato de ter apresentado o novo RG no SMSE-MA pode ser interpretado retrospectivamente como o surgimento de outra possibilidade de imagem de si para o Outro que após essa travessia sob transferência pôde ser mostrada. A formação inconsciente do ato falho, compreendido só depois (e não *a priori*), revelou seu sentido singular para aquele sujeito.

Contudo, precisamos tomar cuidado para não cairmos em conclusões rápidas do tipo causa/efeito. Ressaltamos que não havia a princípio o intuito de que com esse processo o adolescente regularizasse a documentação pessoal. Houve uma aposta na associação livre sem saber quais poderiam ser seus desdobramentos. A efetivação do RG aparece enquanto uma diferença em relação ao que acontecia até então, uma formulação do próprio adolescente que parece não ser uma mera resposta à exigência institucional, mas que pode ser interpretada como homóloga a esse deslizamento significativa das palavras em associação livre na relação de transferência.

É possível perceber que é feito um convite a uma outra escuta, um convite direcionado. No caso descrito, do adolescente para a técnica. Cabe à figura do técnico aceitar ou não esse convite. A partir do aceite, a figura técnica passa a ocupar outro lugar, o lugar inconsciente do grande Outro, preenchido com aquilo que o/a adolescente ali deposita e ao qual ele/ela direciona uma demanda. Ou seja, é possível (mas não garantido) que esse “empréstimo” dos ouvidos permita que o sujeito crie uma relação com o outro que se difere da noção de vínculo, muito utilizada no âmbito da Assistência Social e da Saúde. Cabe destacar que, mesmo na esfera da Assistência Social, muitas são as noções de vínculo e que esta é uma discussão que ainda precisa ser aprofundada, pois há dimensões em que vínculo é apoio onde os sujeitos contam em situações difíceis e também reconhecimento social derivado da representação que essa pessoa tem para seus pares. Nas práticas

profissionais, a expressão “vínculos fragilizados” também é frequentemente utilizada, porém sem explicitar seus sentidos e nem para que situações esta classificação se utiliza, o que indica, mais um vez, a necessidade de se discutir o vínculo (BRASIL, 2017).

Já em psicanálise, chamamos de relação transferencial: o sujeito passa a depositar na figura do outro elementos que remetem aos seus modos de relação singulares, desejos, fantasias, medos e toda sorte de afetos naquele que o escuta. Freud (1912a/1996) de início pensava que esse tipo de relação era um entrave ao tratamento, uma forma do sujeito resistir à investigação do seu próprio inconsciente, se voltando à relação com o analista. No entanto, logo percebeu que a transferência poderia se configurar como a mais importante estratégia no tratamento. Para explicitar, trazemos mais um caso.

### 3 | OLHARES DIVERSOS PARA O ATENDIMENTO: TÉCNICAS EM TRANSFERÊNCIA

Uma adolescente chega para o primeiro atendimento e logo dispara que não deveria estar ali, que o juiz deveria ter liberado ela porque ela falou a verdade em audiência. Ela fala alto, de forma impositiva, se recusa a fornecer o seu endereço, não olha nos olhos da técnica e diz que está ali só pra não prejudicar a avó dela, mas que não quer saber de “L. A.<sup>1</sup>”, que não vai trabalhar, nem voltar pra escola e que não voltará mais no Serviço, que pode chamar a polícia para ir buscá-la na casa dela e que ela queria ver se iam conseguir levá-la. Escutando a jovem, a escolha técnica é de não corresponder à abordagem que a adolescente apresenta, pois entende-se que existe um convite a uma resposta autoritária, que seria muitas vezes encontrada nos ambientes do Judiciário, Assistência Social e Educação, ainda mais em uma situação de cumprimento de medida socioeducativa (NASCIMENTO; SCHEINVAR, 2005). Escolhe-se então, responder de forma firme, mas sem alterar o tom de voz e sem responder às provocações feitas pela jovem, ou seja, não responder da forma esperada, não atender ao que se espera. Ao final do primeiro atendimento, a técnica pergunta se pode marcar o atendimento da outra semana e para qual dia. A jovem responde que sim, mas só se for com a mesma técnica. O que é essa convocação? É possível falar de *vínculo* em tão pouco tempo de atendimento? Acreditamos que nessa colocação a jovem já sinalizava algo da *transferência*.

Os atendimentos seguintes foram feitos pela mesma técnica. Neles a jovem se colocava de lado ou de costas, não sustentava um encontro de olhares, e quando perguntada a respeito da sua vida, a jovem respondia questionando o porquê da técnica querer saber tanto, que se quisesse saber da vida dela era melhor segui-la. Novamente o convite para a resposta do controle, da vigilância, da autoridade e da coerção, que não

---

1 Trata-se da abreviação de “Liberdade Assistida”, uma das medidas socioeducativas atendidas nos serviços de medidas de meio aberto. O termo é frequentemente utilizado pelos(as) adolescentes para se referir a medida socioeducativa propriamente dita, quanto ao local institucional do cumprimento, bem como, algumas vezes, os(as) adolescentes e alguns profissionais da rede socioassistencial se referem aos(as) próprios usuários dos serviços como “L.A.s”.

foi atendido pela técnica. Aos poucos, a jovem começa a direcionar o olhar para a técnica, enquanto se esconde no batente da porta, meio dentro da sala de atendimento, meio fora. Pergunta para a técnica se a técnica gosta de mulher, ao que a técnica devolve “de onde vem essa pergunta?” e a jovem responde que dava pra saber pela temperatura da mão da técnica, que ela conseguia sentir no aperto de mão, no cumprimento de início e final de atendimento. A jovem traz nos atendimentos seguintes que não consegue ter amigas mulheres porque não confia nas mulheres, trazendo pouco depois sua atração e relação amorosa com a melhor amiga.

Um dia, a jovem aparece muito aborrecida, perguntando se a técnica ia encerrar a medida dela, porque não aguentava mais. A técnica responde que pouco tempo havia se passado (aproximadamente dois meses e meio) e que ela ainda não entendia ser o momento oportuno para pedir o encerramento da medida. A jovem se mostra contrariada, demandando saber qual a data de encerramento de sua medida. A técnica sustenta seu posicionamento, pois não tinha como prever a data do encerramento, não só pelo trabalho que lhe cabia, mas porque o encerramento de qualquer medida socioeducativa depende de decisão judicial. Então a jovem diz querer mudar de técnica, que não quer mais ser atendida por aquela. A técnica então diz que irá conversar com a gerência do serviço e com a equipe e trará a resposta no atendimento da outra semana. Analisando o caso, a técnica entende que a jovem apresentava esse pedido pelos seguintes motivos: havia um desejo de continuidade dos atendimentos e do contato com a técnica e pensar que isso poderia acabar abruptamente era algo quase insuportável, por isso a exigência em saber a data de encerramento da medida. Ao mesmo tempo em que existe um desejo de continuidade de atendimento, existe uma vontade de ruptura, de “acabar logo com isso”. Após conversa com a equipe e com a gerência, expondo a construção do caso e os motivos, decide-se por sustentar a mudança da técnica de referência, enquanto aposta de que a jovem produziria algo nesse movimento. No atendimento seguinte, a jovem chega já perguntando se ia ser atendida por outra pessoa e recebe resposta afirmativa, sendo apresentada à nova técnica de referência.

O atendimento com a nova técnica ocorre e, sendo finalizado, a jovem procura a técnica anterior e pergunta “e você, quando vai me atender?”. “Ué, mas eu não sou mais sua técnica. Não foi o que você pediu?”, responde. “Mas a gente não pode conversar?”, questiona a jovem. “Eu posso marcar um horário de atendimento para você”, responde a antiga técnica. Marca-se, então, dia e horário para a conversa, que se segue nas outras semanas. Enquanto equipe, entende-se ser um caso com duas técnicas de referência, com funções distintas no processo socioeducativo. É como se a jovem dissesse que com a nova técnica de referência ela responderia às demandas burocráticas da medida enquanto que com a técnica antiga trabalhará questões relativas ao que foi interpretado como uma relação transferencial. A aposta de que existia um motivo da ordem da transferência para a mudança da técnica de referência havia se confirmado.

A jovem começa a convidar a técnica para sair e comer uma pizza à noite, perguntar que comidas que a técnica gosta para poder comprar e dar de presente. A técnica compreende que há aqui uma demanda direcionada a ela, apresentada ali em transferência. Havia algo dessa demanda que dizia de suas relações com as outras pessoas, sendo uma demanda de amor, como toda demanda direcionada ao Outro do inconsciente (LACAN, 1959-60/2008). É aí que na prática a transferência pode ser manejada enquanto ferramenta, não para atender esse pedido de amor que se apresenta, mas para direcionar o sujeito em direção ao desejo. Nesse caso, a técnica maneja jogando para o coletivo, respondendo que podíamos pedir uma pizza para comer com todo mundo do serviço e, quando a jovem traz as comidas de presente, se distribui para todos que estão lá, comendo juntos e em grupo. Isso porque uma das questões que a jovem trazia em atendimentos era sua dificuldade de se colocar em grupo, de manter laços sem brigar. Durante os atendimentos ela conta das suas relações conflituosas com os outros, amigas, namorados, ficantes, a mãe, o irmão, a avó. Enquanto direcionamento, não se tratava de atender a demanda da jovem enquanto confirmação do amor incondicional que ela pedia aos outros, condensado na figura da técnica na relação de transferência - até porque seria impossível - mas também não confirmar a ausência de amor, ou seja, rechaçando e punindo a jovem pelas provocações que ela colocava.

É importante demarcar que numa relação transferencial se entende que o sujeito não apenas vê o outro como outra pessoa, mas também como alguém que condensa suas representações imaginárias e simbólicas, que sempre estão em jogo ao se relacionar com os outros (e, porque não, consigo mesmo, como Outro) (LACAN, 1959-60/2008). Uma experimentação via transferência, que não fosse nem da confirmação nem da negação desse amor, mas de outra construção, seria uma forma de produzir deslocamento na repetição dessa demanda, que se desdobra nas várias relações da jovem. Ela experimenta esses deslocamentos em atendimento individual e também no grupo de percussão que escolheu se inserir e que foi colocado como única intervenção por parte da antiga técnica. De início, a jovem não entra no ambiente do grupo, fica assistindo de fora. Aos poucos se aproxima, fica no batente da porta, até sentar na ponta do círculo dos participantes. Quando todos olham para ela, a jovem não retribui o olhar, nem toca os instrumentos. Quando estão todos tocando juntos, ela se coloca junto com eles e observa a todos. Aos poucos começa a fazer amizades, especialmente com as outras meninas do grupo, aquelas que ela disse não conseguir confiar. Ao final dos seis meses, a jovem havia feito vários amigos e amigas no grupo de música, havia voltado para a escola e regularizado sua documentação, sem que houvesse direcionamento técnico expresso para que ela efetivasse esses encaminhamentos.

Novamente, não se trata de um método que garanta a inserção dos adolescentes na escola ou que garanta uma melhora em suas relações sociais, nem era esse o objetivo almejado quando se aceita o convite de escuta em transferência feita pela adolescente. Isso

aparece enquanto possíveis desdobramentos dos processos que a adolescente percorreu e que foram possibilitados através da escuta do sujeito do inconsciente, sem o saber a priori de que isso aconteceria ou de que forma aconteceria.

#### 4 | DES-FECHOS

As possibilidades de intervenção apoiadas no método psicanalítico aqui apresentadas foram fruto de nossas experiências como trabalhadoras(es) dos SMSE-MAs, ou seja, de um trabalho de acompanhamento de medidas socioeducativas que não possui finalidades clínicas. Não estamos aqui defendendo que estes serviços devam se incumbir de casos em que avaliação técnica no âmbito da assistência social (ao qual estão submetidos) aponte para a necessidade de um acompanhamento psicológico e/ou psicanalítico em razão de situações específicas de sofrimento psíquico. Nos esforçamos em transmitir relatos da nossa experiência que mostram uma outra modalidade de escuta possível nas práticas de atendimento e acompanhamento do processo socioeducativo. Uma escuta precedida de uma situação transferencial, que diferentemente do “vínculo” e da “escuta qualificada”, aparece quase que impositivamente ao longo do trabalho - é o atendido que se encarrega de “transferir” - e cujo passo de abertura a essa outra dimensão de discurso cabe àquele que atende dar ou não.

Cabe ainda reiterar que os desfechos nos dois casos apresentados - regularizar a documentação e voltar para a escola - não são garantidos. Escutar o que o adolescente realmente quer trazer para o atendimento é fazer uma aposta, a aposta de que se há algo a ser produzido, está ali. Muitas vezes o que se apresenta são demandas de ordem socioassistenciais, demandas do sujeito de direitos. Mas em alguns casos o que é apresentado pelo atendido pode ser de uma ordem diferente. Aberta a possibilidade de uma escuta que supera a dita *qualificada*, aceitando o convite para a escuta psicanalítica, outros efeitos *poderão* ser visualizados no acompanhamento dos(as) adolescentes em seus processos socioeducativos.

Não há como saber de início qual será o desenrolar dessas apostas, feitas a partir do que é escutado. O que procuramos trazer é que essa dimensão existe, se precipita, e que existem ferramentas para trabalhá-la no âmbito da socioeducação, e que ela produz efeitos, ainda que para isso seja preciso sustentar um não-saber, que não oferece garantias nem caminhos iluminados, previamente traçados e pavimentados. Como num processo de análise, os desfechos, o que se abrirá ou o que pode se desdobrar desse processo não está no campo da garantia (seja ela de direitos, de resultados, de cumprimento das demandas institucionais da socioeducação), mas igualmente não é garantido que algo não possa se deslocar e se transformar no seu decurso - é o que procuramos descrever.

É forma, também, de entregar para o(a/e) adolescente a construção de seu processo socioeducativo, que tantas vezes é sequestrado pelas vias institucionais, apostando na

direção ética do desejo e na dimensão da singularidade como uma via também possível para este trabalho.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social- PNAS/2004 e Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2005.

BRASIL. **Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário, 2017.

BUENO, P. Sujeito do inconsciente e sujeito de direito: ponto de conjunção ou de disjunção na interlocução da psicanálise com a saúde mental?. **Revista de Psicanálise Stylus**, n. 33, pp. 217-225. Rio de Janeiro: nov. 2016.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1912a/1996, v. XII.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1912b/1996, v. XII.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, J. **Escritos**, pp. 238-324. Rio de Janeiro: Zahar, 1953/1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1959-60/2008.

NASCIMENTO, M. L.; SCHEINVAR, E. **Infância: discursos de proteção, práticas de exclusão**. Estudos e pesquisa em psicologia. v. 5; n. 2; p. 51-66. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812005000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 fev 2021.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptações 81, 120, 129, 135, 157, 169, 184  
Adolescência 21, 56, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 177, 178  
Adultos 6, 50, 52, 55, 56, 57, 63, 99, 104, 135, 140, 141, 175, 245  
Anne Desclos 9, 10, 16  
Atuação do psicólogo 7, 74, 75, 76, 81, 90, 94, 106, 114, 118, 185, 193  
Autoexpressão 58, 62  
Automedicação 8, 51, 56, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

### B

Bebê 7, 25, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 154, 156, 157, 163, 164  
Bem-Estar 38, 63, 83, 98, 106, 109, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 131, 135, 158, 208, 213, 226, 228  
Bioenergética 58, 59, 63, 105

### C

Cardiologia 76, 90, 91, 94  
Classe Social 6, 32, 205  
Clínica psiquiátrica 74

### D

Depressão 6, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 86, 91, 92, 104, 108, 110, 111, 128, 132, 136, 140, 154, 222  
Diagnóstico Institucional 7, 119, 120, 123, 124, 130

### E

Enfrentamento 7, 84, 86, 111, 113, 117, 119, 120, 122, 123, 125, 129, 130, 164, 176, 212  
Escuta 9, 13, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 34, 38, 50, 52, 55, 82, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 188, 190, 203, 214  
Estética 6, 8, 17, 32, 35, 39, 48, 49

### F

Feminino 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 43, 48, 49  
Freud 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 27, 31, 40, 43, 47, 92, 96, 160, 164

### G

Grupos terapêuticos 7, 74, 75, 76, 79, 80, 81

## I

Idoso 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 112, 117

Idosos 7, 8, 87, 88, 106, 109, 110, 111, 112, 115, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 163, 245

Imagem Corporal 32, 95

Independência 83, 103, 158, 162, 163

Interdisciplinaridade 66, 67, 68, 71, 72, 73

Isolamento Social 5, 7, 8, 106, 108, 109, 112, 115, 121, 128, 132, 137, 138, 154, 159

## J

Jung 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73

## L

Literatura erótica 9, 12, 13, 16

## M

Mãe 24, 25, 29, 45, 61, 62, 63, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 174, 175, 221

Massagem 98, 101, 103, 104, 105

Medicamentos 41, 51, 56, 63, 81, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

## P

Pandemia 7, 106, 108, 109, 110, 111, 113, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 139, 143, 144, 149, 150, 217, 223

Perdas 59, 83, 84, 87, 88, 158

Processamento Simbólico-Arquetípico 66, 70, 73

Psicanálise 6, 2, 7, 8, 10, 11, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 31, 32, 50, 89, 92, 96, 164, 184, 215, 249

Psicologia Analítica 6, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Psicologia Hospitalar 90, 96

## Q

Queixa escolar 6, 50, 52, 56, 57

## R

Recém-Nascido 98, 103

Reforma Psiquiátrica 74, 75, 76, 77, 78, 81, 82

Relato de experiência 50, 52, 90

## **S**

Saúde da população idosa 132, 139

Sexualidade 2, 3, 9, 12, 13, 33, 39, 40, 47, 94

Socioeducação 21, 30

Subjetividade 6, 6, 10, 11, 32, 37, 45, 49, 117, 135, 143, 189, 205, 208, 213

## **T**

Transdisciplinaridade 66, 67, 68, 69, 71, 72

Transferência 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 73

## **V**

Vegetoterapia 58, 61, 63, 64

Vínculo 2, 3, 21, 23, 26, 27, 30, 86, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 205, 213

# *A Pesquisa em Psicologia:*

**Contribuições para o  
Debate Metodológico**

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# *A Pesquisa em Psicologia:*

**Contribuições para o  
Debate Metodológico**

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)